

# Má conservação de viadutos põe em risco motoristas e pedestres

## Vias apresentam problemas como fissuras, infiltrações e desníveis

RAFAEL GALDO

rafael.galdo@oglobo.com.br

WALESKA BORGES

waleska.borges@oglobo.com.br

Plantas que crescem entre as fissuras e as juntas de dilatação, barreiras de proteção em péssimo estado, goteiras, infiltrações, pedaços de reboco caindo e desníveis no asfalto. Nos viadutos do Rio, a falta de manutenção salta aos olhos. E passa longe de ser exclusividade do Viaduto de Del Castilho, de onde na quarta-feira parte do reboco caiu e atingiu, na cabeça, Marlon Jean de Matteo, de 18 anos. O jovem está internado em coma no Hospital Salgado Filho, no Méier.

Uma equipe do GLOBO percorreu cinco viadutos, acompanhada do engenheiro civil Luiz Carneiro, diretor do Clube de Engenharia. No trajeto, o especialista em obras públicas foi taxativo: os problemas decorrentes da má conservação deixam a cidade mais perigosa para pedestres e motoristas.

### BURACOS NO VIADUTO ANA NERI

No Viaduto de Del Castilho, há ferro exposto no guarda-corpo e plantas nas juntas de dilatação. Para Carneiro, isso mostra que a via está há pelo menos cinco anos sem manutenção e que outros pedaços de reboco podem cair. Pior está o Ana Neri, em Benfica. Quem circula a pé por ele encontra lixo acumulado num trecho da calçada, muretas de proteção com rachaduras, árvores crescendo nas juntas de dilatação e buracos na passagem de pe-



Jardim fora de lugar. Plantas crescem na Perimetral: conservação precária

destres, um deles coberto com uma tampa de armário, além de postes corroídos.

— Esses postes foram pintados só como uma maquiagem. Um deles é sustentado só pela fiação. Quando vemos mato num viaduto, como aqui, é porque houve acúmulo de água. Com isso, o ferro da estrutura enferruja e estufa, quebrando o recobrimento de concreto, que pode cair sobre as pessoas — afirma Carneiro.

Segundo ele, os problemas são simples de resolver e poderiam ser evitados com manutenção continuada. Deixar os viadutos chegarem à situação do Ana Neri, diz Carneiro, é

uma negligência dos prestadores de serviços públicos. O engenheiro lembra que, na Europa, viadutos são inspecionados a cada cinco anos:

— A prefeitura deveria fazer inspeções detalhadas nessas construções, examinando, por exemplo, as juntas de dilatação e as paredes de apoio. Para resolver os problemas constatados, é necessário um baixo investimento.

Já no Viaduto do Méier, o principal problema é a pista, que está com desnível e re-mendos no asfalto. No Elevado da Perimetral, na altura da Praça Quinze, o engenheiro, em tom irônico, chamou o ma-

to que cresce na estrutura de uma versão carioca dos jardins suspensos da Babilônia. No local, próximo à Alerj, feirantes contam que, ano passado, um pedaço do reboco caiu.

— Em dias de chuva, é possível ver as goteiras — criticou a auxiliar administrativa Raquel Ismael, de 47 anos.

No Elevado Paulo de Frontin, no Rio Comprido, também é possível ver várias árvores no concreto, vergalhões expostos, trechos da mureta quebrados e parte da laje corroída. Na pista, há um trecho sem grade de proteção, próximo à saída do Túnel Rebouças.

### SEM PROBLEMA ESTRUTURAL

Em todos esses viadutos, Carneiro diz que o problema não é estrutural. Para ele, as obras estão bem feitas. No entanto, a falta de conservação provoca o perigo.

A Coordenadoria Geral de Projetos, braço da Secretaria municipal de Obras, afirma que mantém contratos de manutenção e conservação dos 139 viadutos da cidade. De acordo com a prefeitura, eles são monitorados e vistoriados periodicamente.

Só dois viadutos do Rio passam atualmente por obras estruturais complexas: o Elevado do Joá e o Engenheiro Alvarino Jose da Fonseca, em Maria da Graça. Só no Joá, serão gastos R\$ 66,5 milhões até dezembro, ou seja, 83,6% do total de R\$ 79,5 milhões orçados para manutenção de viadutos em 2013. ●